

## Textos do Tema “O Caçador Graco”

Dois rapazes estavam sentados no molhe e jogavam aos dados. Um homem lia o jornal nos degraus dum monumento, à sombra do herói de sabre em riste. Junto à fonte, uma rapariga enchia o cântaro de água. Um vendedor de fruta, deitado ao lado da sua mercadoria, olhava para o lago. No fundo duma taberna viam-se, pela porta e pelas janelas abertas, dois homens a beber vinho. O taberneiro dormitava, sentado a uma mesa da frente. Uma barca entrava no pequeno porto silenciosamente como se deslizasse sobre as águas. Um homem de blusa azul saltou para terra e passou as amarras pelas argolas. Outros dois homens, de casacões escuros de botões prateados, seguiam o barqueiro com uma padiola, aparentemente com uma pessoa, coberta com um grande lenço de seda às flores e com franjas. No cais ninguém se preocupou com os recém-chegados, nem sequer quando pousaram a padiola para esperar pelo mestre da embarcação ainda ocupado com as amarras, ninguém se aproximou, ninguém lhes dirigiu a palavra, ninguém lhes lançou um olhar mais interessado. O mestre ainda se demorou um pouco com uma mulher que apareceu no convés com uma criança ao peito e os cabelos soltos. Depois apontou para a esquerda, para uma casa amarelada de dois andares que se erguia junto à água; os homens voltaram a pegar na padiola e passaram pelo portão baixo, ladeado de colunas esguias. Um rapazinho abriu uma janela mesmo a tempo de ver o grupo desaparecer dentro da casa e fechou-a rapidamente. Então também o portão escuro, de carvalho esmeradamente trabalhado, se fechou. Um bando de pombas, que até então

tinha revolteado à volta do campanário, pousou à frente da casa. Como se lá dentro estivesse guardada a sua comida, juntaram-se à frente do portão. Uma voou para o primeiro andar e deu bicadas no vidro da janela. Eram aves de cor clara, bem alimentadas e cheias de vida. Com um movimento largo do braço, a mulher lançou-lhes milho, as pombas comeram-no e levantaram voo por cima dela. Um homem de cartola com um fumo preto descia por uma das pequenas vielas estreitas e íngremes que iam dar ao porto. Olhava cautelosamente à volta, tudo o irritava, fez uma cara de desagrado ao ver as imundícies num canto. Nos degraus da estátua havia cascas de fruta; empurrou-as com a bengala, ao passar. Bateu à porta da casa; ao mesmo tempo tirou a cartola com a mão direita enluvada de negro. A porta abriu-se imediatamente; cerca de cinquenta rapazi-nhos formavam duas filas ao longo do corredor e faziam-lhe uma vénia. O mestre desceu as escadas, cumprimentou o senhor, convidou-o a subir; no primeiro andar percorreu com ele a elegante varanda de delicadas arcadas que circundava o pátio interior e, seguidos a uma distância respeitosa pela chusma dos rapazes, entraram ambos numa sala grande e fresca das traseiras, cuja janela já não dava para mais nenhuma casa, mas apenas para uma parede cinzenta-escuro de rocha exposta. Os carregadores estavam ocupados a colocar e a acender alguns círios à cabeceira da padiola, porém tal não intensificou a luz, apenas agitou as sombras, até então imóveis, fazendo-as tremer nas paredes. O lenço que cobria a padiola tinha sido retirado. Jazia nela um homem bronzeado, com o cabelo e a barba completamente emaranhados, e parecia ser um caçador. Estava imóvel, aparentemente não respirava, de olhos fechados; mesmo assim, só o arranjo da cena indicava que talvez estivesse morto.

O senhor aproximou-se da padiola, pousou uma mão na testa do homem jazente, ajoelhou-se e rezou. O mestre fez sinal aos carregadores para que saíssem da sala, eles saíram, afastaram os rapazes que se tinham juntado do lado de fora e fecharam a porta. Porém, ao senhor, tão-pouco isto pareceu satisfazê-lo, olhou para o mestre, este compreendeu e saiu por uma porta lateral para um quarto adjacente. Imediatamente o homem que jazia na padiola abriu os olhos, voltou o rosto com um sorriso dolorido para o senhor e disse:

— Quem és tu?

Sem mostrar espanto, o senhor pôs-se em pé e respondeu:

— O burgomestre de Riva.

O homem na padiola anuiu, indicou um cadeirão com um movimento fraco do braço e disse, depois de o burgomestre aceitar o convite:

— Eu já sabia, claro, senhor burgomestre, mas no primeiro instante esqueço-me de tudo, dança-me tudo à roda e é melhor perguntar mesmo sabendo tudo. Certamente também sabe que sou o caçador Graco.

— Certamente — disse o burgomestre, — a sua chegada foi-me anunciada durante a noite. Já estávamos a dormir há algum tempo quando, por volta da meia-noite, a minha mulher me acordou: “Salvatore (é o meu nome), olha a pomba na janela!” Era realmente uma pomba, mas gorda como uma galinha. Ela veio pousar junto ao meu ouvido e disse: “Amanhã chega o defunto caçador Graco, recebe-o em nome da cidade.”

O caçador assentiu, molhando os lábios com a ponta da língua:

— Claro, as pombas precedem-me. Acha, no entanto, senhor burgomestre, que eu deva ficar em Riva?

— Ainda não posso dizer — respondeu o burgomestre: — O senhor está morto?

— Sim — disse o caçador —, como vê. Há muitos anos, sim, há mesmo muitos anos, caí num precipício na Floresta Negra, na Alemanha, quando perseguia uma camurça. Desde então estou morto.

— Mas também está vivo? — disse o burgomestre.

— De certo modo — disse o caçador: — de certo modo também estou vivo. A minha barca funerária falhou a passagem, um movimento errado do timão, um momento de distração do mestre, uma diversão pela minha maravilhosa terra natal, não sei o que terá sido, só sei que fiquei na Terra e que a minha barca desde então sulca as águas terrenas. Assim, eu que só queria viver nas suas montanhas, depois da minha morte viajo por todos os países da Terra.

— E não tem lugar no Além? — perguntou o burgomestre franzindo o sobrolho.

— Estou para todo o sempre — respondeu o caçador — na grande escada que conduz ao alto. Sigo nessa escadaria infinitamente

larga, ora para cima, ora para baixo, ora para a esquerda, ora para a direita, sempre em movimento. Mas quando tomo o maior dos impulsos e o portão já brilha para mim lá no alto, acordo na minha velha barca, desoladamente encalhada num qualquer mar terreno. Na minha cabina, o erro fundamental da minha morte mostra-me os seus dentes arreganhados. Júlia, a mulher do mestre, bate à porta e traz-me ao esquite a bebida matinal da terra cujas costas calhe bordejarmos.

— Triste destino — disse o burgomestre, protegendo-se com a mão levantada. — E não tem nenhum sentimento de culpa?

— Nenhum — respondeu o caçador. — Era caçador, deveria sentir alguma culpa nisso? Estabeleci-me como caçador na Floresta Negra, numa época em que ainda lá havia lobos. Punha-me à espera, disparava, acertava, esfolava o animal, deveria sentir alguma culpa nisso? O meu trabalho era abençoado. Chamavam-me o grande caçador da Floresta Negra. Deveria sentir culpa nisso?

— Não me cabe a mim responder — disse o Burgomestre. — No entanto, também não me parece que haja culpa nisso. Mas então de quem é a culpa?

— Do mestre da barca — disse o caçador.

.....  
 .....

— E agora pensa ficar connosco em Riva? — perguntou o burgomestre.

— Não penso — respondeu o caçador com um sorriso e, para se desculpar, pôs a mão no joelho do burgomestre: — Estou aqui, mais não sei, mais não posso fazer. A minha barca está sem leme, voga ao sabor do vento que sopra nas regiões inferiores da morte.

.....  
 .....

Sou o caçador Graco, a minha terra é a Floresta Negra na Alemanha.

.....  
.....

Ninguém lerá o que escrevo aqui, ninguém virá ajudar-me; se ajudar-me fosse um dever, todas as portas de todas as casas permaneceriam fechadas, e também as janelas, todos se meteriam na cama, cobrindo-se até à cabeça com os cobertores, toda a terra se converteria num albergue noturno. E isso faz sentido, porque ninguém me conhece, e se me conhecesse, não saberia onde encontrar-me, e se soubesse onde encontrar-me, não saberia segurar-me, e se soubesse segurar-me, não saberia ajudar-me. A ideia de me querer ajudar é uma doença que precisa de cama para ser tratada.

Sei-o, e assim não grito a pedir ajuda, mesmo quando por momentos, quando não me domino, como me aconteceu precisamente agora, por exemplo, penso muito seriamente nisso. Mas, para afastar esses pensamentos, basta-me olhar à volta para saber onde estou e, posso afirmá-lo seguramente, onde tenho estado há centenas de anos. Estou deitado num catre de ripas enquanto escrevo, envolto — não dá prazer nenhum contemplar-me — numa mortalha suja, o cabelo e a barba, grisalhos, tornaram-se inextricavelmente emaranhados, as minhas pernas estão cobertas por um xaile de mulher, de seda às flores e com franjas compridas. À minha cabeceira há um círio de igreja que me alumia. Na parede em frente está um quadro pequeno, manifestamente dum bosquímano que me aponta uma lança e se protege como pode atrás dum escudo extraordinariamente bem pintado. Nos barcos deparam-se-nos com frequência quadros idiotas, mas este é dos mais idiotas que há. Fora isto, a minha gaiola de madeira está completamente vazia. Por uma escotilha entra o ar quente da noite austral e ouço o bater da água contra a velha barca.

E aqui estou jazente, desde a altura em que, sendo o caçador Graco afeito à Floresta Negra, caí num precipício quando perseguia uma camurça. Tudo aconteceu naturalmente. Perseguiu a camurça, caí, esvaí-me em sangue numa ravina, morri, e esta barca deveria levar-me para o Além. Ainda me lembro de quão alegremente me deitei pela primeira vez neste catre, nunca as montanhas me ouviram canções como as que aquelas quatro paredes ainda indistintas